

01/04/2019 15:23 - O ministro dos sonhos de Bolsonaro, fez a escolha certa?



Quando o presidente Bolsonaro foi eleito em outubro de 2018, começaram as especulações de quem assumiria o ministério X, Y ou Z. O único nome que o presidente sonhava era o do então juiz federal titular da Vara Criminal de Curitiba, Sérgio Fernando Moro, que se tornou com imensa visibilidade no Mundo Jurídico além Brasil.

Moro ganhou enorme notoriedade nacional e internacional por comandar, entre março de 2014 e novembro de 2018, o julgamento em primeira instância dos crimes identificados na Operação Lava Jato que, segundo o Ministério Público Federal, é o maior caso de corrupção e lavagem de dinheiro já apurado no Brasil, envolvendo grande número de políticos, empreiteiros e empresas, como a Petrobras, a Odebrecht, entre outras. Em 12 de julho de 2017, condenou o ex-presidente Lula a nove anos e seis meses de prisão, sendo

essa a primeira vez na história do Brasil em que se condenou criminalmente um ex-presidente da República, decisão esta mantida em segunda instância.

Para ocupar o ministério, parte do poder Executivo e subordinado ao presidente da República, Sérgio Moro pediu exoneração do cargo de juiz federal, devido à impossibilidade de magistrados em atividade exercerem cargos políticos, vedação prevista na Lei Orgânica da Magistratura Nacional. Em seguida a sua exoneração do Poder Judiciário, Moro foi nomeado pelo ministro Onyx Lorenzoni para a função de Coordenador do Grupo Técnico de Justiça, Segurança e Combate à Corrupção do Gabinete de Transição Governamental. A Associação dos Magistrados Brasileiros elogiou a escolha de Sergio Moro para o Ministério. Por outro lado, a decisão gerou reação adversa da imprensa internacional porque Moro havia condenado Luiz Inácio Lula da Silva, o principal adversário de Bolsonaro na eleição, por lavagem de dinheiro e corrupção.

Em 2014, a Associação dos Juizes Federais do Brasil indicou Moro para a vaga deixada por Joaquim Barbosa no STF. Porém, em 2015, Edson Fachin preencheu a vaga. Em 2014, a revista Isto É o elegeu o "Brasileiro do Ano", e a Época, um dos cem mais influentes do Brasil. Na décima segunda edição do Prêmio Faz Diferença do jornal O Globo, foi eleito a Personalidade do Ano de 2014 por seu trabalho frente às investigações da Lava Jato.

Em outubro de 2017, foi premiado pela Universidade de Notre Dame pela dedicação exemplar aos ideais pela qual a Universidade preza desde 1992, segundo afirmou própria instituição americana. A mesma universidade lhe concedeu em maio de 2018 o título de Doutor em Leis Honoris Causa "por ser um exemplo claro de alguém que vive os valores e que luta pela justiça sem medo ou favor".

Em 15 de maio de 2018, recebeu o prêmio de "Pessoa do Ano" em Nova Iorque, Estados Unidos. O prêmio foi entregue pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. A honraria é concedida todos os anos, desde 1970, a uma personalidade brasileira e uma americana.

Os críticos de Moro o acusam de conduzir a Operação Lava Jato com decisões controversas, como algumas relacionadas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em que divulgou os áudios de grampos telefônicos da Polícia Federal que interceptaram conversas da então presidente Dilma Rousseff com Lula. Entretanto, a corregedora do Conselho Nacional de Justiça arquivou oito representações, de um total de quatorze, e a Procuradoria Geral da República, em parecer enviado ao Supremo Tribunal Federal (STF), considerou as gravações legais.

No almoço com Sergio Moro, Rodrigo Maia explicou que houve um grande mal-entendido na tramitação do pacote anticrime, gerando o atrito entre ambos. Ele disse que, no ano passado, havia pedido ao ministro Alexandre de Moraes para coordenar um grupo de trabalho com a mesma pauta.

Eis a questão norteadora no universo político: Sergio Moro fez a escolha certa em deixar o cargo de juiz federal com dimensão e evidência internacional e estar a frente do cargo de Ministro da Justiça?

Fonte: Victoria Angelo Bacon

Notícias RO